



Empreendedorismo levado a sério

Universidades e escolas de negócios estão a levar o empreendedorismo muito a sério e a considerá-lo como a solução para os alunos e alumni no século XXI

Os apoios vão das capital de risco a start-ups, ao lançamento de centros de incubação, passando pelo financiamento directo aos centros de empreendedorismo e incentivos à investigação. Estas são algumas das formas que ligam o mundo académico e de estudo ao mundo empresarial. Alberto Terricabras, professor do IESE, a congénere espanhola da escola de negócios de Lisboa AESE, afirma que "a crise estimula a actividade empreendedora", enquanto Vasco Branco e Francisco Cunha Carvalho, da capital de risco Naves SCR, salientam que "algo como ter um emprego para toda a vida acabou". É neste contexto difícil que escolas e empresas se casam. Transformar uma ideia num produto comercializável não é fácil e nem sempre é possível, realça o presidente do conselho de administração da Naves, Vasco Branco. "Mas há grandes ideias e excelentes investigadores". A situação de Portugal não é comparável à de países com grandes volumes de fundos, que colocam os cérebros a produzir para o mercado uma ideia previamente estruturada. As grandes ideias têm por detrás grandes estratégias, sendo este o melhor processo de criação de emprego, ou do auto-emprego. Há erros que os alumni cometem no arranque dos seus projectos mas, como explica Vasco Branco, "vamos fazendo o acompanhamento dos projectos dos antigos alunos da AESE ao longo de dois anos, e apercebemo-nos do seu interesse. Conhecemos o futuro promotor e diluímos o risco". As grandes dificuldades passam por saber planear os investimentos, ter o devido

Vamos fazendo o acompanhamento dos projectos dos antigos alunos da AESE ao longo de dois anos, e apercebemo-nos do seu interesse. Conhecemos o futuro promotor e diluímos o risco.

VASCO BRANCO
Presidente do conselho de administração da Naves

compromisso com o projecto, saber planear a comunicação e marketing e encontrar uma distribuição apropriada em termos de logística. O capital de risco ou o recurso a um business angel fazem aquilo que as universidades e escolas de negócios não podem fazer e que é dar a antevisão do mercado, a viabilidade financeira, a liderança e perceber as competências que são necessárias. As políticas públicas não são suficientes e, por isso, entram as iniciativas privadas, que são capazes de mobilizar os veículos que irão sustentar a vertente financeira. A qualidade dos empreendedores está a aumentar, fruto da qualidade das escolas.